

QUANDO O CORPO É SUPERFÍCIE TATUADA DE TEXTO

A poesia de Al Berto

Rodrigo da Costa Araújo

Para Latuf Isaias Mucci

o segredo do tempo iluminará
o eterno olhar aberto dos cegos
com sua prateada claridade vazia
onde nascem as palavras que te consumirão
nasce a escrita que te cegará
(AL BERTO. *Diários*. 2012, p.222)

Depois de ler a obra *O Medo* (2000), de Al Berto (1948-1997), quase de uma vez só, fica-se pensando, de olhos fechados, num sujeito/poeta nebuloso, indefinido, mas apaixonante e convidativo. Fica-se reclamando novo contato ou leitura e maior aproximação, e o convite, muitas vezes, torna-se irresistível. De qualquer forma, a leitura da poesia de Al Berto exige velocidade, expõem as suas capacidades mais próprias, as de serem múltiplas, plásticas, transgressoras e, a um tempo, inscrição, alteridade e brilho.

Foi com esse brilho e nessa rapidez, também, que a poesia albertiana compareceu na literatura portuguesa, como uma espécie de estrela cadente, solta da galáxia, correndo anos-luz, em fuga e desrespeito à estabilidade celeste. Veio direta, cega, com seu brilho, sem apalpar o escuro, sem escolher caminho, apesar de ter percorrido vários deles.

Perceptível apenas como um ponto luminoso, à longa distância, Al Berto foi uma surpresa caminhante, enigmático e perscrutador. Perturbador também, porque chega vertiginoso, carregado de energia densa e magnética. Sua escritura traz feições dessa rapidez e imagem insólita: “há dias que o lápis te foge, resiste como um objecto estranho/ persistes, esboças o rosto de cera apercebido no espelho, no fundo quieto do rio” (2000, p.82).

Até quando aguentarei a tentação da vertigem? [...] A melhor maneira de estar na vida é estar ausente dela. Ser espectador do mundo, sentado ao fundo dum espelho, tomar a realidade por espelho, escutar as estrelas, a suavidade das luas, o vento, a chuva e não desejar um rosto para o corpo. (AL BERTO, 2012, p.72)

Todos os seus livros falam de um mesmo rosto que se procura na linguagem do espelho, forçam o leitor a descobrir o sentido moral e estético de suas reticências. São como óperas sincopadas ou sinfonias inacabadas, mas são envolventes nos arroubos ou na aparente simplicidade. Atraem, enleiam, enfeitiçam e introduzem o leitor como personagem e participante de suas poesias, confissões poéticas, romances e suas diabruras. Na verdade, a força de sua escrita revela um outro desejo “queria ser marinheiro correr mundo/com as mãos abertas ao rumo das aves costeiras/ a boca magoando-se a sonolenta canção dos ventos” (2000, p.296).

Preciso com a máxima urgência de escrever, sobretudo não parar de escrever, não para substituir o livro que me escapa, que se desligou de mim, mas porque me é impossível não criar, não escrever, ou ficar siderado perante o vazio que o livro deixou. Não acredito no génio, acredito, sim, na necessidade, na urgência, na ânsia de me manter por um fio entre a queda final e o precário equilíbrio das palavras. (AL BERTO, 2012, p.78)

Alberto Raposo Pidwell Tavares (1948-1997) ou mesmo Al Berto, ligeiro, transgressor, atraente e inovador, veio compor a Via Láctea da Literatura Portuguesa, dando vida, força e movimento à palavra escrita, libertando-a de amarras e regras literárias convencionais. Sua poesia questiona a forma, as convenções do género, as marcas clássicas do convencional, as normas da língua portuguesa, os códigos estabelecidos, a moral, a sexualidade e as escolhas.

O silêncio, a melancolia, a solidão, o corpo, o mar, o esteticismo e muitos outros temas são questões e características que pontuam suas escolhas poéticas. Al Berto é eletrizante ao descrever qualquer viagem e transferi-la para o seu leitor. “A noite trazia-me aragens com cheiro a corpos suados/cantares e danças em redor de fogos que eu não sabia” (2000, p.298), ele transmite vida às linhas do texto, carregando-as de energia ao contato de seus dedos e olhos, emitindo sempre mensagens sem retoque. Do imaginário, ele passa para o real, para o existencial até à fusão do espírito e da carne, do amálgama da poesia e ficção. E ainda recomenda: “virava todo o meu sentir para o mar/ quando no medo dos míticos promontórios/ se rasgou a oceânica visão... a ânsia de partir” (2000, p.301).

Na sua sinfonia literária, carregada de pianíssimos e crescendos, repleta de mistérios e divagações, ele é sempre imprevisível. Do esplendor da galáxia, desce e captura a minúscula luz de uma paisagem, mas a luminosidade é a mesma, irradiante, repleta, múltipla.

Al Berto tem um mundo próprio, todo seu, enorme, surpreendente, e sente necessidade de refleti-lo para fora, para os outros, para quem possa entendê-lo ou não. Esteta, como Oscar Wilde, sua escrita, apesar de leves diferenças, revela certo tom de beleza inconfundível: “a morte é uma relâmpago suspenso sobre o coração” (2000, p.333)/ “e da nossa passagem permanecerá/ o deslumbrante rumor dos fogos sobre o mar” (2000, p.333).

Pelas suas múltiplas cores, para avistá-lo, porque meteoro, é preciso reconhecer o impulso que imana o leitor. A partir daí, segue o hipnotismo e o rastro luminoso para suas divagações voluptuosas, carregadas de emoções e inquietudes, nem sempre lógicas, mas interrogativas, transgressoras, existencialistas, envolventes. O próprio leitor é levado - arrastado pela sua trilha luminosa e errante - a perscrutar algumas metáforas, não importa se reais ou fictícias, surreais ou insólitas. Ele – o leitor – vale-se de emaranhados de sentimentos, uma espécie de labirinto, em que se procura uma saída para o subconsciente.

De todas as leituras, ficam sempre leves marcas, impressões digitais, marcas do corpo, peso das palavras, leveza da escrita, desejo de uma poética do erótico. Algumas vezes delicada, outras vezes excitante. Comparecem em suas poesias, o registro sensorial da palavra, o silêncio, a festa imaginária que recria o corpo, mesmo se o tema não é erótico, a escrita erotiza o significativo.

Impressão Digital, por exemplo, é um livro que a linguagem segue o mesmo ritmo da redondez erótica - impressões do corpo, sutilezas do tato, cicatriz da memória. O corpo erógeno e palavra jogam com o prazer de criar a suspensão do sentido. A ambiguidade que dá pistas, mas não resolve, decididamente, do significado, resulta na excitação - preliminares eróticas. Todo o livro *O Medo*, coletânea de muitos outros, é um livro vivo, compilação de emoções que surgem e manifestam-se, gemem, gritam, lamentam-se, protestam no silêncio, no escuro, na solidão, vibrando ao impacto da vida real e sensível.

Apreciável, como as luzes de um meteoro no céu noturno, a poesia de Al Berto é lenta vertigem, paixão e desejo de escrever. Ao mesmo tempo em que metalinguística, porém pelo seu plano opositivo, também revela, sutilmente, a agonia de não conseguir a palavra ideal: “os poemas adormecem no desassossego da idade. fulguram na perturbação de um tempo cada dia mais curto. e, por vezes, ouço-os no transe da noite, assolam-me as imagens, rasgam-me as metáforas insidiosas, porcas... e nada escrevo” (2000, p.595).

Da escrita visceral de Al Berto, ecoam outros poetas da tradição portuguesa e de suas leituras pessoais: Fernando Pessoa, Florbela Espanca, Cesário Verde, Mário de Sá-Carneiro, Antonio Botto. Estes, estetas e transgressores. Seu discurso integra outros ainda, como Oscar Wilde, Rimbaud, Genet, Baudelaire. Como espelho poliédrico, esses poetas assumem vozes em Al Berto. Funcionam como projeção, recortes/aspirações para sua própria poética, metáforas da condição literária. O espelho é, ainda, estratégia que possibilita o ingresso em outros discursos, como a música *pop* e as artes visuais. Sua poesia, portanto, retoma e recria, criativamente, esses rastros discursivos.

Da sua poesia, também, ecoam algumas experiências urbanas de Bruxelas, Paris e Barcelona. Experiências e deambulações, que revelam suas preferências por um discurso

poético, que imbricam ficção e poesia, vertigem e velocidade, confissão e encanto próprios de atitudes do *flâneur*. Poesia marcada, também, de vivências do poeta por uma Europa notadamente *underground* dos anos sessenta e setenta.

Dessas múltiplas facetas, o poeta-meteoro é também pintor. Ele dialoga com essas cidades numa linguagem mais próxima da sua plasticidade original. Essas mediações pictóricas são estabelecidas, entre a legibilidade da poesia e do texto urbano que se oferecem, visualmente, no lirismo ímpar.

O leitor, ao acompanhar o exercício da dialética da *flânerie* e desses vários diálogos com a tradição literária, evidencia o desenraizamento de Al Berto e sua memória, a resgatar fragmentos de versos ou escolhas que se inserem nos seus discursos. Essas retomadas e opções, no entanto, reforçam a constituição de sujeitos que proliferam em sua poética, tematizando ideias e cenários, onde se diluem as metáforas rumo a uma escritura radical de demarcação, entre urgência e melancolia, diferença e transgressão poética.

Por isso, a conexão biografia-obra é, em alguns momentos, inevitável, já que dessas releituras nascem uma relação especular. Não se trata de uma obra, predominantemente confessional, é uma obra que *ficcionaliza*, através da palavra poética, o drama de um sujeito situado, aquém do espelho. Espelho-texto, a poesia de Al Berto, pela sucessão de máscaras que esconde, atende à urgência de mascarar a errância e o homoerotismo. “sei que darei ao meu corpo os prazeres que ele me exigir. vou usá-lo, desgastá-lo até ao limite suportável, para que a morte nada encontre de mim quando vie” (2000, p.24)

Pela sua natureza pós-moderna, a poesia albertiana, também, apresenta contradições. Feito os meteoros, sua escrita fragmentária, assemelha-se com partículas de poeira ou rocha que fica voando pelo espaço textual em alta velocidade. Quando entra na atmosfera literária, principalmente a lusitana, torna-se incandescente e pega fogo, construindo um imenso risco no céu. Pela sua distância no espaço celeste, em relação ao leitor, os meteoros parecem que são grandes, mas na maioria das vezes, não passam de pequeninos grãos de areia.

Fácil de ler e ver Al Berto, difícil penetrar na sua malha poética e analisar algumas incoerências, bem como as indagações pessoais dos sujeitos de seus textos, transgressores, autônomos, com decisões próprias, como sujeitos marcados para desempenhar, cegamente, algum comportamento criado para ele.

Não é novidade que sua produção poética, no seu conjunto, assume o palco da escrita, ressalta uma das suas características mais singulares: o caráter de *performer* do autor. Sua poesia converge para o desdobramento especular do sujeito da enunciação de suas máscaras. Assumindo essas encenações, feito Ana Cristina Cesar (1952-1983) – poeta carioca que assume algumas semelhanças em sua poética – somada ao traço autobiográfico em sua obra, como diferenciais poesia e ficção?

A *narrativa performática*, segundo a pesquisadora argentina Graciela Ravetti, é adequada na apreensão desse momento, porque abarca as instâncias fundamentais que apoiam a escrita de Al Berto – a encenação do próprio autor; a maneira como o sujeito se enuncia; e, claro,

os recursos em que se representam, qual seja o texto, em sua forma e conteúdo –, pois as características de tal narrativa servem como testemunho de sua época. Funcionam como mapas cognitivos, sentimentais, estéticos, e, sobretudo, expressivos, tanto na tarefa artística como nos modos de vida.

Definitivamente, a poética de Al Berto é uma arena de representações e performances mais ou menos conscientes que encenam ou colocam em jogo os pontos de interesse de quem escreve. Cria um mundo ao mesmo tempo próprio e compartilhado, concreto e cosmológico, que possa ser experimentado pela leitura. Essa *performance* também acompanha as relações com outras linguagens, gerando imagens geradas por outros códigos e diálogo que se instala para alquimia dos sentidos.

Sua poesia assume a coragem de certa voracidade de incorporar a linguagem como tatuagem. Transforma, sem problema algum, o corpo em corpo-fonte, corpo-letra e escritura, ressonância. Escrita/escritura com sangue da tradição. Nela ecoa Pessoa, Baudelaire, Mario de Sá Carneiro. Aceita o vampirismo para eliminar sua própria palidez de folha branca e límpida. Instaura o erotismo da leitura serpenteando o desejo da escrita: autoerotismo.

por hoje, o meu corpo decidiu que não lhe apetece fazer nada. deitei-me cedo. cogito em vagas coisas que me recordam conversas distantes com amigos. não sei bem o quê. vêm-me à memória rostos e sons. mas não compreendo o que diziam, estou cansado há muito não me sentia, digo isto para experimentar algum alívio. mas parece-me bem que é inútil gritar-me o meu próprio cansaço. e às vezes já não sei se de facto estou cansado, ou se é o corpo só que o está. talvez estejamos os dois cansados. nunca nos separamos. aturamo-nos os maus humores e os momentos de insuspeita felicidade. dormimos juntos. o meu corpo é o meu fiel amante. por vezes apetecia-me amá-lo, sair fora dele e estender-me por cima dele, esfregar-me nas suas coxas, beijá-lo até sufocar. traí-lo, sobretudo dava-me gozo trais meu próprio corpo. fazer-lhe cenas de ciúmes inesquecíveis, só para depois ter o prazer da reconciliação comigo mesmo. (AL BERTO, 2012, p.222-223)

A encenação é texto. O corpo é texto e encenação. A poesia é o corpo que entende que: *On ne pouvez pas écrire sans la force du corps.* (Duras. *Écrire* 1993, p.23). A poesia é testemunho do corpo e imagem fabricada, *fake*. O corpo é superfície tatuada do texto. A escritura-pele expressa o que é o melhor essa avançada compreensão travesti, é sempre reescrita de si, memória construída pela autodevorção. O poeta de agora produz (encena, imita, recria, distorce, desloca, alude, readapta, reescreve, parafraseia) os poetas envelhecidos e estes-últimos reproduz aquele.

A potência do corpo aparece no texto quando escrito precisamente na taticidade da experiência de deslocamento – *eu* e o outro – *eu mesmo* – do estranhamento de si, de uma não estruturação que coordena os sentimentos e as emoções, de uma determinação perceptível para a desconstrução e (encenações) de si. A construção da subjetividade, nessa poética, se inscreve feito pele, nos parâmetros do eu que desestabiliza as certezas sobre sua identidade.

Isso porque a intimidade evidenciada é constantemente sobreposta e reorganizada pelo corpo: do outro, da palavra, da paisagem, da hora de dormir (sonho?), de Rimbaud, da

memória e do viajante. A multiplicidade de subjetividades que transitam nos poemas, em vez de esclarecer e iluminar os contornos do sujeito, faz o efeito contrário: deturpa-o, borra-o. As palavras, segundo Al Berto, “são preciosas máscaras que se me colam à cara. não têm a necessidade de boca. as máscaras sem boca. as palavras sem som. o medo de um dia deixar de saber quem eu sou, talvez máscara de palavras a que falta boca, ou silêncio absoluto de quem de si já toda a vida esgotou. (2012, p.224)

Assumindo as máscaras e os efeitos delas, ou talvez, como meteoro, a poética de Al Berto rasga o céu brilhando com intensidade. Arrasta consigo, além do olhar atônito do leitor, a beleza, o jogo de luzes e a rapidez que surgem queimando-se e destruindo-se, até o impacto final com algum planeta. Na face do planeta, a cratera indelével marca para sempre algum momento histórico e estético.

Al Berto chegou como um meteoro: cego, vertiginoso, inesperado, reluzente, interferindo, definitivamente, no brilho e na constelação da poesia lusitana.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AL BERTO. *O Medo*. Lisboa. Assírio & Alvim. 2000.
- _____. *Lunário*. Lisboa: Assírio & Alvim, 1999.
- _____. *O anjo mudo*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2000.
- _____. *Diários*. Lisboa. Assírio & Alvim. 2012.
- ARAUJO, Rodrigo da Costa. A poética dionisiaca de Al Berto. *ZUNÁI - Revista de poesia & debates*. Acesso em 17/12/2018.
- _____. Escrever o Mar: provocações da poesia de Al Berto. *Revista Diadorim / Revista de Estudos Linguísticos e Literários do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro*. Volume 11, Julho 2012. [<http://www.revistadiadorim.letras.ufrj.br>]
- _____. Al Berto no salão dos espelhos. *Revista Convergência*. Real Gabinete de Leitura. Número 26 - jul/dez de 2011: Resenhas.
- _____. A escrita visceral de Al Berto. *Revista Querubim - Revista eletrônica de trabalhos científicos nas áreas de Letras, Ciências Humanas e ciências Sociais - Ano 09 N°21- 2013 - ISSN 1809-3264*. pp.116-160.
- _____. A escrita, segundo Al Berto. Resenha Diários. *Revista Mosaicum* n° 18. Teixeira de Freitas. Bahia. Faculdade do Sul da Bahia. (Impresso), v. 01, pp. 35-38, 2013.
- CEIA, Carlos. *O que é afinal o pós-modernismo?* Lisboa. Edições Século XXI.1998.
- CESAR, Ana Cristina. *Poética*. São Paulo. Companhia das Letras. 2013.
- CHALHUB, Samira. *Poética do erótico*. São Paulo. Escuta. 1993.
- DURAS, Marguerite. *Écrire*. Gallimard. Paris. 1993.
- KLINGER, Diana Irene. *Escritas de si, escritas do outro*. Rio de Janeiro. 7 Letras. 2007.
- RAVETTI, Graciela. Narrativas performáticas. In: RAVETTI, Graciela e ARBEX, Márcia. (Org.) *Performance, exílio, fronteiras: errâncias territoriais e textuais*. Belo Horizonte. 2002. pp.47-68.

Rodrigo da Costa Araújo

Professor de Literatura Infantojuvenil e Teoria da Literatura na FAFIMA, Mestre em Ciência da Arte (2008-UFF) e Doutorando em Literatura Comparada [UFF]. Pesquisador do Grupo Estéticas de Fim de Século, UFRJ/CNPq, e do Grupo Literatura e outras artes, da UFF/CNPq. Coautor das coletâneas *Literatura e Interfaces, Leituras em Educação* (Opção 2011), *Saberes Plurais: Educação, Leitura & Escola, Literatura infantojuvenil: diabruras, imaginação e deleite*. (Opção-2012)
E-mail: rodricoara@uol.com.br